

FORMAÇÃO DO CIDADÃO CATÓLICO NO GUIDE DES ÉCOLES: CONTRIBUIÇÃO DOS MARISTAS

Paula Maria de Assis¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a formação do indivíduo nas escolas Maristas por meio de métodos pedagógicos específicos construídos a partir da Educação dos Sentidos na expectativa de formar o cidadão católico cristão. O recorte temporal vai de 1853, data da primeira edição do Guide des Écoles, e se estende até o ano de 1961, ano de convocação do Concílio Vaticano II - o que acabou por alterar as diretrizes educacionais colocando o Guia em desuso. O Guide des Écoles é um manual para a formação dos mestres que atuavam nas escolas da Congregação e foi escrito dentro de um quadro político-social específico da História da França e da Igreja Católica. Atendia a necessidade de uma rápida formação profissional dos Irmãos que deveriam exercer a função pedagógica, sempre observando a unidade tanto na forma quanto no método. A hipótese é a de que o Guide des Écoles foi elaborado dentro da nova proposta da Igreja Católica que se alinhava métodos pedagógicos próprios e modernos, desenvolvidos sob a égide da ciência, da experiência, da educação dos sentidos e da moral católica. A pergunta que norteia o trabalho é: “Quais são as propostas metodológicas que sustentam a Educação dos Sentidos na tentativa de formar o cidadão e o cristão católico?” Os referenciais teóricos da análise desta pesquisa são Peter Gay, E.P.Thompson.

Palavras-chave: educação dos sentidos; experiência; escolas católicas.

Formación del ciudadano católico en el Guide des Écoles: Contribución de los Maristas

Resumen: El objetivo de este trabajo es investigar la formación del individuo en las escuelas Maristas a través de métodos pedagógicos específicos construidos a partir de la movilización de los sentidos y en la expectativa de formar al ciudadano cristiano católico. El marco temporal se extiende del 1853, fecha de la primera edición de lo Guide des Écoles, hasta el año 1961, el año de la convocatoria del Concilio Vaticano II - que resultó en el cambio de las directrices educativas, poniendo lo Guía en desuso. Lo Guide des Écoles es un manual para la formación de los profesores que actuarían en las escuelas de la Congregación y fue escrito en un contexto sociopolítico específico de la Historia de Francia y de la Iglesia Católica. Atendía a la necesidad de formación rápida de los Hermanos que deberían ejercer la función pedagógica, observando siempre la unidad en su forma y método. La hipótesis es que lo Guide des Écoles se desarrolló dentro de la nueva propuesta de la Iglesia Católica que alineaba los métodos pedagógicos propios y modernos, desarrollados bajo la égida de la ciencia, de la experiencia, de la educación de los sentidos y de la moral católica. La pregunta que guía el trabajo es: “¿Cuáles son las propuestas metodológicas que sustentan la Educación de los Sentidos en el intento de formar el ciudadano y el cristiano católico?” Los marcos teóricos del análisis de esta investigación son Peter Gay y E. P. Thompson.

¹ Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC São Paulo. Mestre em Educação: História, política, Sociedade pela PUC São Paulo. Atualmente é professora da Uniesp-FIT, nos cursos de Pedagogia e Letras. É professora da rede estadual de ensino do Estado de São Paulo – pebII. Email: pmassissp@hotmail.com

Palabras clave: EDUCACIÓN DE LOS SENTIDOS; EXPERIENCIA; ESCUELAS CATÓLICAS.

CATHOLIC CITIZEN FORMATION AT THE GUIDE DES ÉCOLES: MARIST BROTHERS' CONTRIBUTION

Abstract: This paper aims at discussing on individual formation at Marist schools through specific pedagogical methods built up from senses education in the expectation to form the Christian catholic citizen. The time span ranges from 1853 – when the first edition of the Guide des Écoles was published - until 1961 – when Vatican II Council was called in – which ended up by changing the educational guidelines and causing the guide to be no longer used. The Guide des Écoles is a manual to form the masters who would work at the Congregation's schools, it has been written in a specific political-social background in the History of France and the Catholic Church. The Guide met the need for fast professional formation to the Brothers who should exercise the pedagogical function, always observing unity in both form and method. The hypothesis is that the Guide des Écoles was developed within a new proposal from the Catholic Church aligning own and modern pedagogical methods, developed under the aegis of science, experience, senses education, and catholic morale. The question guiding the work is: “What are the methodological proposals backing up the Senses Education in the attempt to form the Christian catholic citizen?” the theoretical references for analysis in this research are Peter Gay, and E.P.Thompson.

Keywords: senses education; experience; catholic schools.

Este artigo tem como objetivo discutir a Educação dos Sentidos nas escolas Maristas por meio de métodos pedagógicos específicos construídos a partir da mobilização dos sentidos na expectativa de formar o cidadão católico cristão. A fonte documental adotada é o Guide des Écoles. Esse material é a expressão da modernidade pedagógica adotada pelos irmãos marista que contrastando com a ideia de que os métodos pedagógicos adotados por escolas católicas são e sempre foram tidos como tradicionais.

O recorte temporal justifica-se pelo período em que o Guide des Écoles esteve em uso nas escolas da Congregação que vai do ano de 1853, data da primeira edição - fruto dos trabalhos do Segundo Capítulo Geral do Instituto dos Irmãos Maristas - e se estende até o ano de 1961, ano em que foi convocado o Concílio Vaticano II quando a organização da Igreja Católica sofreu grandes mudanças o que acabou por alterar as diretrizes educacionais colocando o Guia em desuso. O Guide des Écoles é um manual para a formação dos mestres que atuavam nas escolas da Congregação e foi escrito dentro de um quadro político-social específico da História da França e da Igreja Católica.

Desde a Contra Reforma, a Igreja Católica passa a repensar alguns de seus dogmas e entra em crise com o Período das Revoluções, esse momento histórico coloca em xeque a hegemonia política e cultural que a Igreja exercia no mundo secular. Assim, o Século XIX é o período em que a Igreja se encontra desestruturada interna e externamente. É chegado o momento de começar a se organizar para não desaparecer por completo; nessa perspectiva, torna-se fundamental o diálogo da Instituição com o mundo exterior.

No processo de reestruturação houve radicalismos conservadores e progressistas, de um lado a proposta de um retorno ao mundo medieval, e de outro a inclusão da Igreja na modernidade. Nesse embate, alguns estudiosos defenderam a hipótese de que a presença da Instituição e a retomada de espaço perdido, só seriam possíveis se as palavras sagradas continuassem sendo repassadas adiante. A partir de então a escola e a atuação da imprensa se tornam ferramentas para a continuidade da Igreja.

Uma das propostas era articular uma rede internacional de missionários na tentativa de manutenção do *status quo* da instituição, ou seja, posicionar a Igreja como um dos “elementos constitutivos da sociedade”, já que vinha perdendo espaço para as doutrinas protestantes. Além disso, enfrentava os sujeitos adeptos da filosofia liberal que propunha a laicização de toda a sociedade, incluindo as escolas. Durante esse período, contou-se com a atuação de

congregações que partiram em missões evangelizadoras as quais, guardadas as devidas proporções, saíram em ministérios, num processo parecido ao acontecido no período colonial.

Nesse contexto, a hipótese é a de que o *Guide des Écoles* foi elaborado dentro da nova proposta da Igreja Católica que alinhava métodos pedagógicos próprios e modernos, desenvolvidos sob a égide da ciência, da experiência, da educação dos sentidos e da moral católica, como forma de manutenção de seu *status quo*.

A análise do *Guide des Écoles*, fonte documental, se dá sob a perspectiva da Educação dos Sentidos, contemplando o conceito de “experiência”, que é essencial para entender a mobilização dos sentidos a serem educados. Gay conceitua a experiência como:

[...] o encontro da mente com o mundo, no qual nem este nem aquela são jamais simples ou totalmente transparentes. Frequentemente banal à primeira vista, a experiência acaba por mostrar-se, sobretudo quando seguimos suas raízes até os remotos domínios do inconsciente, recalcitrante, fugidia, taciturna; criação de impulsos ambíguos e de conflitos não-resolvidos, ela não raro semeia confusões e impõe drásticas interpretações falsas. [...] Seja como evento isolado, seja ligada a outros eventos, a experiência é, portanto, muito mais do que mero desejo ou percepção fortuita; é, antes, uma organização de exigências apaixonadas e atitudes persistentes no modo de encarar as coisas, e de realidades objetivas que jamais serão refutadas (GAY, 1989, p.19).

O conceito de experiência deve ser analisado dentro de padrões culturais históricos, em que a presença de instituições, tradições, estruturas políticas, relações sociais são fundamentais para determinar como se dá o contato da mente com o mundo. Pensamos o indivíduo como ser não desconectado do seu universo social e não negligenciando o peso no inconsciente tanto no sentido individual como coletivo.

É no mundo sensível que a mente capta a realidade e a interpreta conforme as “didáticas oriundas dos pais e de outras fontes” (GAY, 1989, p.20). Nesse sentido, continua o autor:

E essas atividades obscuras da mente se apoiam tão pesadamente em sons, imagens e odores, então a experiência diurna de neuróticos normais – matéria prima de que é feita a história – deverá obrigatoriamente cingir-se ainda mais fisicamente aos imperativos sociais, religiosos, econômicos e tecnológicos que, em conjunto, definem as possibilidades e impõem as limitações pelas quais se balizarão tanto o indivíduo quanto grupos sociais (GAY, 1989, p.20).

Dessa forma, a experiência precisa do mundo sensível para ser vivenciada. Entretanto o indivíduo não entra como sujeito autônomo dessa relação (mundo sensível e experiências), de certa forma a ação se torna reflexiva, num movimento entre o sensível e o cultural. Thompson (1981) entende que

[...] pessoas não experimentam a própria experiência apenas como ideia, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem certos participantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentescos, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral (THOMPSON, 1981, p.189).

Esta complexa articulação entre mente, experiência e cultura, o ser humano articula, impões limites e estabelece condições para que as sensibilidades possam ser domesticadas ou negligenciadas, dentro do que se determina como temporal e geograficamente estabelecidos.

Desse modo, a escola adquire o *status* de lugar privilegiado em formar, ou formatar sensibilidades. Esse é o lugar que se definirão quais sensibilidades serão estimuladas, quais experiências serão aceitas e vividas para formação do novo homem. História da Educação dos Sentidos nos possibilita entender como se formou o cidadão dentro da concepção da modernidade, muito mais do que simplesmente descrever suas ações desconectadas do que lhe foi dado como experiência de liberdade e igualdade e impondo uma concepção de mundo comum à maioria.

Ao adentrar ao século XIX, a escola já é o lugar por excelência da educação e da aquisição do conhecimento, o lugar da formação, da formatação, do cidadão e do fiel (católicos ou não). Também é o lugar de disputa, de luta e de busca. Disputa das identidades escolares que precisam ser formadas dentro de novos padrões.

Uma sociedade em que surgem novos padrões, novos estilos de vida, novos valores, novas referências, nova ordem cultural. O homem é o princípio do bem e do mal. Essa é a modernidade. Uma época “de contestação, de tensão, de embate, mas um embate resultante da convivência entre a razão cristã e a razão técnico-científica” (HANICZ, 2006, p. 39). Engana-se quem acredita na modernidade nascendo do novo, a modernidade é o novo rejeitando o velho, mas também é a coexistência, um se formando sobre o outro (MAYER, 1987).

Assim como a sociedade que se transformava, a escola se instituía com nova configuração. A Igreja tentaria acompanhar tal mudança, na mesma proporção que a sociedade mudava. O século XIX foi o século da busca de uma nova identidade para a Igreja católica e, conseqüentemente, para a escola católica. Da mesma maneira que linhas de pensamentos modernos se formavam na Instituição, ideias do antigo se mantinham, com forte apego à tradição de outros tempos de hegemonia político-cultural.

Desse modo, a Congregação dos Irmãos Maristas é representante de uma corrente liberal sem, entretanto, perder de vista que está subordinada à uma Instituição maior que as correntes ideológicas divergentes, está subordinada à Santa Sé e de lá acata as determinações propostas pelo Papa. Assim, se existiu espaço para a construção de um programa pedagógico com tendências voltadas à ideia de modernidade foi porque houve espaço dado, permitindo que a Congregação espalhasse pelo mundo um método que transparecesse essa modernidade.

Os ideais dos Irmãos são a identificação de uma corrente modernizante liberal que via, na transformação da escola, um espaço para que a Igreja continuasse a existir, ocupando seu lugar nessa nova sociedade e que tinha como fundamentação na Educação dos Sentidos a forma de educar para a nova sociedade, a fim de atender à pátria e à religião.

Histórico do Guia

A Congregação foi fundada em 1817, na França, em La Valla. Da indignação de Marcelino Champgnat, em ver crianças da cidade sem instrução religiosa nem de saber algum, reuniu alguns Irmãos com o propósito de se dedicar à educação.

As primeiras escolas em La Valla e nas proximidades contavam com o esforço dos Irmãos em percorrer os vilarejos em busca de crianças a serem educadas, entretanto, não demorou muito e os próprios pais buscavam os Irmãos a fim de que estes os ensinassem.

Mas ensinar o quê? A fé, a religião? Mais do que isso, ensinar novos hábitos, novas condutas, o que chamava a atenção de todos por onde os alunos passavam. Nos relatos de Ladeira (1921), sobre a educação oferecida pelos Irmãos nos vilarejos no interior da França, encontramos o seguinte:

Os Irmãos esforçavam-se sobretudo por disciplinar os alunos, estabelecer o silêncio, incutir hábitos de ordem e asseio. Mostraram aos meninos o que era delicadeza, modéstia, civilidade. Introduziram entre eles a emulação. Enfim, apareceu com evidencia meridiana, que a escola recebia direção ótima. Mal teria decorrido um mês, e já os alunos tinham mudado completamente. A piedade, a reserva, a modéstia dos mestres parecia terem passado para os meninos [...]. O público não se fartava de vê-los desfilar, pelas ruas e andarem para as aldeias, dois a dois, em ordem e caladinhos (LADEIRA, 1921, p. 58).

A admiração dos habitantes da pequena cidade tem razão de ser, uma vez que um novo padrão de educação é apresentado: a disciplinarização, o asseio, mudanças percebidas externamente à escola. E essas mudanças passam a ser requeridas pela sociedade o que fez com que o Instituto crescesse muito rapidamente. Tão rápido que o número de novos Irmãos

não conseguia atender a todas as escolas, o que colocou em risco o próprio Instituto. A busca por alunos era menos penosa do que a busca por novas vocações.

Assim foram se formando os primeiros mestres, seguindo, basicamente, os conselhos dados pelo Fundador. Sem muitas divagações sobre tratados de educação, a *Conduite*², dos Irmãos Lassalistas, supria-lhes as aulas de ler e escrever.

Dentro deste contexto de expansão e, por necessidade de se estruturar um método que desse uniformidade às escolas Maristas, garantindo uma identidade própria, em 1852 Trinta Irmãos são eleitos para o Segundo Capítulo Geral, a fim de organizar as Regras da Congregação e a elaborar o Guia das Escolas que foi publicado pela primeira vez, em 1853.

O *Guide des Écoles* ou Guia das Escolas³ é o primeiro documento oficial impresso, que descreve o pensamento pedagógico e educativo dos Irmãos Maristas. Sua novidade está na proposta de ser um material acessível e de fácil manuseio para os Irmãos que assumiam a tarefa de lecionar em distantes escolas, mantendo assim uma uniformidade no processo educativo. Dessa maneira, muito mais do que um guia para a formação do mestre Marista, o Guia das Escolas representa em si, todo um contexto histórico, político e social, no qual viviam os jovens mestres que o elaboraram. O Guia responde a uma política de restauração da Igreja, como uma possibilidade de que as novas diretrizes traçadas pelo Vaticano se efetivassem.

Na introdução da tradução para o português da 4ª Edição do Guia, o Ir. Ivo Strobino (2009) comenta que, “a uniformidade tinha um peso grande na concepção da obediência e na busca da perfeição” (STROBINO, 2009, p. 15).

Na apresentação da primeira edição, em 1853, o Ir. Francisco, então responsável por ela, elenca as cinco características do método de ensino:

1. O método de leitura, de acordo com a pronúncia das consoantes, novidade nessa época, em que ele demonstrou o seu espírito judicioso e a sua firmeza em afastar a rotina.
2. As qualidades das boas disciplinas, que ele faz pender fortemente para a autoridade moral e a bondade, numa época em que os castigos físicos eram largamente empregados.
3. A importância que se deu ao catecismo e ao cuidado que tomou para a formação de bons catequistas.
4. O ensino do canto, então desconhecido nas escolas primárias.
5. As regras no concernente à formação dos jovens Irmãos, que deram grande uniformidade e coesão à nossa maneira de ensinar e de educar os jovens (FURET, 2010, p.19).

² La Salle, Juan Bautista. Obras Completas de Juan Bautista de La Salle. Edição patrocinada por las Conferencias de Provinciales de la Agrupación Regional Lasaliana de España y Portugal. Sem data.

³ No decorrer do texto, tanto será usado a nomenclatura de *Guide des École*, quanto *Guia das Escolas*, ou apenas *Guia*, sempre nos referindo ao mesmo documento.

Podemos observar que está presente a urgência em formar o Irmão que educará as crianças, assim como é importante observar uma questão que comumente pairava sobre as pesquisas modernas de pedagogia: a rotina que transformava a educação em algo entediante. Vale observar também a novidade em se usar o canto como estratégia para o ensino e a disciplinarização.

O Guia entendido dentro de um contexto participa do momento em que as contradições entre o moderno e o tradicional estão nitidamente presentes. A busca por uma educação do homem sob a perspectiva de uma sociedade racionalista, moderna, disciplinada e preparada para assumir seu espaço no mundo do trabalho ao qual era destinado, sem, entretanto, deixar que as tradições, ritos e morais de anos se perdessem.

Dentro desta proposta, o Guia é exemplo da participação de um grupo, da Igreja que acredita que a sobrevivência desta se deva ao fato que seja necessário a incorporação do pensamento moderno como forma de instituir uma nova identidade, sem, entretanto, abandonar o propósito primeiro que é o de manutenção da Igreja na participação secular desta nova sociedade. De acordo com o Guia:

À medida que os alunos crescem, cumpre também exortá-los a fazer esforços pessoais e submeter-se de maneira racional ao regulamento; importa mostrar-lhes, nesta mesma obediência, o meio de vencer aquilo que há neles de inclinação ao mal e desenvolver o que existe de bom na sua natureza. “Uma criança que nunca pensa, que jamais delibera, que é passiva em todos os seus atos, disse Lacordaire; um dia não será adequada a não ser para obedecer molemente aos homens e às coisas que a dominam pelo efeito do acaso” (FURET, 2010, p. 55).

O Guia expõe que, mais do que obedecer, a criança deve ser capaz de entender os motivos que a levam a seguir determinadas regras. Ou seja, educar a criança, dentro de um ambiente em que existam regras expostas aos alunos de forma clara e que estes entendam os motivos pelas quais elas existam e devam ser seguidas, significa formar cidadãos capazes de entender os motivos de sua própria existência no mundo.

Tão importante quanto a formação do mestre é o método que se irá seguir. Em um século em que a educação assume destaque, uma infinidade de métodos foram desenvolvidos para facilitar o processo de aprendizagem. O que se sabia era a necessidade de se buscar novas formas facilitadoras do processo de ensino e aprendizagem, e que propostas baseadas na memorização e na repetição já não cabiam na modernidade que buscava a racionalização, inclusive aplicada à sociedade.

Dentro de todo o contexto, o Guide des Écoles é a síntese do que os católicos esperavam de um instituto de educação. Nele é possível observar as correntes teóricas que predominaram na sua elaboração. O pensamento tomista, o liberalismo católico, a importância da educação dos sentidos, da educação moralizante católica-cristã. A mescla de todas essas variáveis trouxe a novidade de um método moderno dentro da educação católica, opondo-se ao método baseado na memorização e repetição. É nessa medida que se entende o Guide des Écoles como método utilizado pelos Irmãos Maristas para garantir a educação do novo homem.

É com essa proposta na bagagem que, em 1897, seis Irmãos Maristas chegam ao Brasil, vindos da Europa. É o início da construção de uma obra educadora que tem como sustentação os anos de experiência nas escolas da França e um método que valoriza a disciplina e o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Em São Paulo assumiram o Externato Nossa Senhora do Carmo em 1889. Traziam o método e aplicavam na escola, o que chamava a atenção dos alunos era a disciplina exigida. Relato citado por Azzi, do ex aluno Carlos Andrade, mostra a impressão do aluno frente à rigidez dos Irmãos:

O método de ensino, o mesmo sempre empregado com proveito pela congregação marista, aproveita todas as energias do educando, sem desperdício de tempo nem de forças. Por isso, os alunos que saíam de escolas em que outro método era empregado, ressentiam-se a princípio do aperto dos estudos. [...] Vezes houve em casa, tendo diante de mim os meus livros, com lições a estudar e a escrever, os meus 9 tímidos anos não resistiram, e eu chorei; pensando nunca poder levar a cabo “tanta” coisa [...]⁴ (AZZI, 1996, p.120).

A Educação do cidadão católico

O Guia como método estabelece objetivos claros a serem seguidos e justificam a “Importância da Educação”, colocando-a em duas categorias. A primeira, “para a própria criança”, no sentido de orientá-la em direção aos bons princípios cristãos a partir da sua infância. Diz o texto:

Uma boa educação é o maior benefício que se pode assegurar a uma criança. Pela educação a criança cresce na piedade e na virtude; o seu coração e os seus hábitos se formam, enquanto se desenvolve o seu espírito e o seu corpo se fortifica. Numa palavra, por ela a sua vida será verdadeiramente cristã, porque, diz o Espírito Santo, *o homem seguirá pelo seu primeiro caminho e, na sua própria velhice, não se afastará dele.* (FURET, 2010, p.25).

⁴ Escorço biográfico do segundo provençal dos Irmãos Maristas no Brasil Central, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. 1941, pp. 54-57.

A segunda, para a sociedade. É fundamental educar a criança dentro dos preceitos da religião como forma de salvaguardar a própria religião, é através da educação que se perpetuará a sociedade católica. Mesmo quando se diz da importância da educação para a sociedade, a criança é novamente chamada. O Guia cita carta do Papa Bento XV: “Com efeito, a infância encerra em si a causa e o princípio dos tempos futuros; não é difícil inferir da maneira em que é instruída e educada hoje como serão, amanhã, os costumes públicos e privados”. (FURET, 2010, p.25).

O duplo objetivo da educação, então atendia à religião e ao Estado, formando o católico e o cidadão, ao mesmo tempo, incorporando o modelo de homem civilizado dentro dos padrões da fé cristã.

Quanto às “Características da Educação”, os autores definem como educação completa aquela que aglutina “educação física, intelectual, moral, religiosa e social”:

Segundo o texto:

A educação completa e harmoniosa de todas as faculdades humanas deve ser cronologicamente adequada à idade da criança e, na medida do possível, ao nível médio dos alunos da escola, bem como às profissões que geralmente os esperam na sua localidade (FURET, 2010, p. 26).

Lembrando do caráter prático para a formação do professor, o Guia não deixa de citar o papel do Irmão na formação católica das crianças e evoca as palavras do Fundador: “a sua missão, condensando o pensamento em admirável fórmula, é formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”. (FURET, 2010, p.27)

Para a formação do homem que se esperava, cidadão e cristão católico, o Guia subdivide o conceito geral de educação em quatro partes, sendo elas: *Educação Física*, *Educação Intelectual*, *Educação Moral*, *Educação Cristã* e *Educação Social*.

1. A Educação Física

A educação física se apresenta como fundamental para se incluir novos costumes e condutas, na expectativa de se moldar e modelar corpo e mente, incluindo a própria aparência, os gestos, a linguagem, o modo de se vestir. Boschilia, em sua análise sobre a construção da identidade masculina nos colégios católicos, esclarece que a educação é vetor para a busca da

civilidade, sendo que a autora entende civilidade sob a perspectiva de Norbert Elias⁵. Segundo ela:

Vista por Norbert Elias como uma condição para o controle de si e a contenção da violência, a civilidade passou a ser considerada um aspecto essencial para superar a agressividade e a impulsividade ou a falta de controle interno, típicas da sociedade medieval (BOSCHILA, 1999,p.245).

Mais do que ensinar sobre higiene das crianças, limpeza das salas de aulas ou dos jogos desenvolvidos nos pátios das escolas, a educação física foi responsável por introduzir novos padrões de comportamento que acompanhou a reconfiguração do homem com condutas mais compatíveis com a sociedade que se instituía.

O Guia discorre sobre a educação física, taxando-a como uma das práticas educacionais mais relevantes a ser considerada e enfatizando a higiene como fundamental para o melhor desenvolvimento do corpo e dos sentidos, além de ser fator civilizatório, incluindo a criança em um padrão de higiene e socialização que pede o mundo civilizado: “Na escola, a educação física consiste, primeiramente, numa série de medidas higiênicas, no referente ao arejamento, à limpeza, à postura etc; em segundo lugar, em exercícios corporais, como jogos e ginástica” (FURET, 2010, p.28).

A grande preocupação com a higiene está no bom desenvolvimento dos sentidos; e para o bom funcionamento e cumprimento dos deveres, esta deve estar em perfeita ordem. Dessa maneira, o Guia traz medidas adaptáveis às escolas, mais precisamente aos espaços físicos destas. Observam-se alguns itens a serem cuidados, entre eles: o ar, a luz, o calor, a indumentária, a limpeza e a postura.

Em suma, a educação física aplicada nas escolas dos Irmãos Maristas tem como função fundamental estabelecer novas condutas sociais de convivência coletiva e ao mesmo tempo disciplinar o corpo de modo a atender ao modelo de civilidade que se impunha.

2. A Educação Intelectual

Dentro da perspectiva da educação integral do ser humano, o Guia coloca em pé de igualdade a educação física e a educação intelectual, sendo que a educação física tinha papel fundamental na modelagem de atitudes, gestos e convívio, e a educação intelectual era a responsável pela elaboração das experiências externas (captadas pelos sentidos) e das internas (processadas dentro do indivíduo no contato com o externo). Dessa maneira, educação física e

⁵ Elias, Norbert. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. RJ: Jorge Zaar, 1990.

educação intelectual se integram. O conceito de inteligência tem como fundamentação a experiência, de acordo com o Guia, inteligência é:

[...]a faculdade pela qual conhecemos as coisas e compreendemos as verdades. A palavra inteligência é tomada aqui no sentido lato de *faculdade do conhecimento*, seja sensível, seja intelectual. Ela desempenha função muito importante em nossa vida moral, porque é ela que comanda, em grande parte, o nosso procedimento. Com efeito, cada um de nós sabe que a nossa alma, pensante e livre, não se determina senão conscientemente. (FURET, 2010, p.35).

Os autores do Guia levam em consideração as experiências da criança fora do ambiente escolar e descrevem que essa experiência é importante para o desenvolvimento da inteligência. “Em todo o dia e hora, a criança emprega os conhecimentos de que vem enriquecida a sua inteligência pela própria experiência, ou que tenha recebido de outrem na leitura ou no ensino oral.” (FURET, 2010, p36)

A obtenção do conhecimento deve ser iniciada pela observação das coisas mais simples, como os objetos pessoais dos alunos que podem estar presentes no momento da aula, a outros que eles poderão observar fora da escola. E quanto mais o campo de observação for ampliado, a prática da observação levará o aluno a abstrair, sendo capaz de observar o não tátil, como por exemplo, uma obra literária. Há que se chamar a atenção aqui para a prática de passeios escolares, o que possibilita a observação direcionada, pelo professor, fora do ambiente escolar.

A parte prática do Guia tenta ressaltar a importância da experiência e do desenvolvimento das sensibilidades. Tanto uma, quanto outra, devem ser mediadas pelo professor, a fim de que a formação do cidadão e do bom cristão se efetive de forma plena.

3. A Educação Moral

Apesar de ser tratada em partes separadas, a Educação, de acordo com o Guia, deve ser sempre entendida como integral. O mestre deve ter a consciência de que a educação não é disciplina curricular e que dentro das disciplinas curriculares a Educação integral deve estar presente. Está inserida na Educação Moral, a educação da sensibilidade.

Para o mestre Marista, a sensibilidade é o outro nome dado ao coração, de forma que é a faculdade de experimentar todos os tipos de sentimentos (FURET, 2010, p. 46). Para os autores do Guia, é a sensibilidade que guia as crianças antes da razão, ou seja:

Enquanto a razão não esclarece a criança, esta é conduzida pela sensibilidade, isto é, pelos seus gostos e repugnâncias, vale dizer, pelas inclinações naturais que a levam a buscar o prazer e a fugir do sofrimento.

Crescendo torna-se ajuizada, sem dúvida; mas importa não exagerar no poder da razão. Ela continua fraca ao longo da juventude, e o educador deve ampará-la em todo o instante contra os atrativos da sensibilidade (FURET, 2010, p.46).

Sugere-se que a razão se sobressaia ao coração e que a sensibilidade deva ser educada de forma que não comprometa a razão, assim: “se o coração foi bem formado, as inclinações puras e virtuosas vêm apoiar as decisões da razão e imprimem na alma o impulso para o bem” (FURET, 2010, p.47).

Complementando a formação do que pode ser chamado de uma nova estética pela escola, o Guia coloca que a educação da sensibilidade também passa pela concepção de boas maneiras, que se refere às normas de conduta que os bons cristãos devem seguir e como devem se comportar frente a uma sociedade cristã. Educar para as boas maneiras não significa desenvolver “um cerimonial de convivência mundana, variável segundo a moda e o país, em que o coração não estaria envolvido” (FURET, 2010, p.50), e sim educar o coração para a benevolência e o respeito. Essas virtudes são conseguidas pelo hábito e pelo exemplo. Pede-se que o professor dedique atenção especial em inspirar nos alunos sentimentos como: a gratidão, o respeito, a compaixão e a caridade; e os hábitos que devem adquirir, como: amabilidade no trato com o outro, procedimentos de respeito e regras de convivência.

A prática de boas maneiras, segundo o Guia, deve extrapolar o ambiente escolar se estendendo para as atitudes que as crianças devem demonstrar em outros espaços sociais, o que deve ser observado pelos mestres ao andarem pelas ruas.

4. A Educação Cristã

O propósito de uma escola católica é a formação do cristão. Sim, constatação óbvia. Entretanto, o que de fato significa educar crianças para uma sociedade que se mostra cada vez menos ligadas à espiritualidade e apegada aos aspectos materiais do mundo?

Podemos afirmar que ao compartimentar a educação em cinco aspectos para a formação completa e harmoniosa das faculdades humanas (FURET, 2010, p. 26), a educação cristã preserva as características mais conservadoras da Igreja Católica. Primeiro pelo método como ela se efetiva, com a aplicação de lições de Catecismo como maneira de educação religiosa propriamente dita e, segundo, pelo fator de serem as crianças, propagadoras das novas concepções do que se espera de um católico atuante na sociedade. Essa constatação evidencia de forma clara a exposição que o Guia faz sobre a finalidade da instrução religiosa, de acordo com os autores:

A educação cristã da criança tem duplo objeto. De um lado, é preciso instruí-la (a criança) das verdades da religião e para tanto concorrem as lições de catecismo. De outro lado, é preciso iniciá-la na vida cristã, isto é, formá-la à piedade, levá-la a pensar, a sentir-se e conduzir-se como discípula de Jesus Cristo. A primeira reporta-se especialmente ao ensino do catecismo, isto é, à instrução cristã. A segunda, não menos importante, trata da maneira pela qual se pode conduzir a criança a viver cristanamente, isto é, a formação cristã (FURET, 2010, p.58).

Quanto ao método exposto na educação cristã diretamente religiosa, o objeto a ser apreendido, no caso os dogmas da Igreja, é pré-selecionado pelo mestre que se encarrega de explicar pontos que possam ser de dúvidas para o aluno, e o mestre então dispõe de uma série de perguntas e respostas que são recitadas, tanto pelos mestres, as perguntas, quanto pelos alunos, as respostas.

A educação cristã perpassa todo o ensino, para a formação do católico atuante que possa vir a atender as necessidades de uma sociedade idealizada, o que extrapola o espaço da escola.

O mestre deve estar atento para que a vida de uma criança educada em uma escola católica seja toda voltada à educação do espírito, abrangendo outros espaços sociais, junto à família e à comunidade a fim de que isso possa acontecer, sugere o Guia:

[...] as ideias cristãs entrem, em primeiro lugar pelos sentidos. Um crucifixo artístico na sala, imagens piedosas, ou estatuas de santos, pensamentos religiosos afixados nas paredes, cantos religiosos, orações bem feitas, belas cerimônias e altares bem decorados; em suma, é preciso sublinhar a importância de tudo o que se refere ao culto exterior: livros didáticos verdadeiramente cristãos, e outros pormenores da mesma ordem não podem deixar de conferir, insensivelmente, um cunho religioso ao espírito dos nossos alunos (FURET, 2010, p. 75).

A educação cristã religiosa segue o método que era tradicionalmente aceito antes da restauração: memorizar e recitar. Não deixando espaço a questionamentos para o ensino dos dogmas da Igreja.

5. A Educação Social

Por fim, a *educação social* é último aspecto a ser tratado na definição do que é educação para os Irmãos Maristas. E essa sem dúvida é a síntese da finalidade da educação, que, conforme as palavras do próprio fundador, deve formar *bons cristãos e virtuosos cidadãos* (FURET, 2010,p. 97).

Então, como se forma um bom cristão e um virtuoso cidadão? Respostas a essas perguntas são o que motiva a elaboração de um Guia de formação rápida de profissionais que

vão cuidar da educação nas instituições não laicas. É pensar em como essa criança fará uso do que lhe foi ensinado na escola e de como ela poderá contribuir para a sociedade. “[...] o bom cristão está sempre pronto a cumprir seu dever de cidadão (FURET, 2010, 97).”.

O Guia não faz a separação entre educar para a Igreja e para o Estado, estes dois aspectos se integram na formação Social do jovem. Para isso, o Guia sugere que as primeiras lições devem ser voltadas a formar na criança um sentimento de “amor à pátria” (p. 97). Esse amor pode ser desenvolvido pelo exemplo de figuras heroicas e pelo ensino da história nacional.

Qualquer país tem uma galeria de cidadãos ilustres, que podem conquistar a admiração das crianças e jovens, despertando-lhes sentimentos generosos. Este sentimento de patriotismo é um dos mais nobres que se possa cultivar na infância, contanto que se atenha aos limites da justiça em relação às outras nações (FURET, 2010, p.97).

À medida que a idade do educando avança, sua participação na formação social aumenta. O jovem é chamado a participar efetivamente da sociedade que o cerca, primeiro em ações propostas na própria escola, como a formação de grêmios ou mesmo na administração das cantinas escolares. O espaço de atuação destes jovens deve aumentar gradativamente conforme a idade, e tanto a escola, quanto os mestres devem favorecer outros tipos de obra. O Guia elenca algumas, tais como:

Obras de instrução, como patronatos, bibliotecas populares, círculos de estudos.

Certas obras de previdência, caixas de poupança, de seguro, de retirada.

Por fim, associações diversas, como sindicatos profissionais, cooperativas de consumo etc. (FURET, 2010, p. 99).

A proposta de se por em prática os discursos expressos no ambiente escolar, é a demonstração da necessidade de formar um jovem que esteja preparado, não só para obedecer às regras, mas também, esteja disponível para atuar de maneira direta junto à sociedade. Isto posto, a ligação entre o que se espera de um cidadão e de um cristão não pode ser desfeita. Justificado pelo Guia:

O desenvolvimento do país e a felicidade dos cidadãos estão em estreita relação com a moral do Evangelho. Religião, amor ao trabalho, honestidade, justiça e dedicação ao bem público concretizam a prosperidade das nações, mais do que as terras férteis e a abundância das minas. É extremamente fácil demonstrar que a preguiça, o egoísmo, as lutas sociais e a injustiça, sob todas as formas, são causas de decadência dos Estados. Pelo fato mesmo, constituem demonstração das palavras do Evangelho: *Procurai o reino de Deus e a justiça, o resto vos será dado por acréscimo* (Luc 12,13) (FURET, 2010, p. 99).

O Guia dá o exemplo de como bons cristãos devem exercer o seu direito ao voto, e sugere que “[...] deve ser-lhes explicado o seu mecanismo, responsabilidade e consequência.” (p.98). Também, entre os deveres do cristão e do cidadão, como pagar os impostos, respeito às leis, configura-se a “escrupulosa honestidade que devem propor-se aqueles que representam o poder e aqueles que administraram o erário público” (FURET, 2010, p.98).

É sugerido aos mestres que as instruções sobre a educação social são melhores apreendidas se ministradas no contexto de algumas disciplinas:

Tal ensino calha bem na aula de história, de geografia, nas leituras e em certos assuntos de redação etc. Nos estabelecimentos em que os estudos mais completos comportam um curso de economia política ou de ensino cívico, a forma se torna metódica (FURET, 2010, p. 99).

Conclusão

A divisão do conceito de Educação conforme os cinco aspectos apresentados (educação física, intelectual, moral, cristã e social), como já descritos, precisa ser entendido como um todo e necessariamente perpassar toda a vida escolar do aluno, independente de idade ou seriação.

De maneira geral, dentro do contexto do Estado Moderno, como estava posto, educar os jovens e as crianças, tanto para o Estado, quanto para a Igreja, significava a mudança do condicionamento de condutas; e o que difere a Educação laica da católica, como esclarece Boschilia, é:

[...] se de um lado o Estado buscava depositar nestes dois grupos (jovens e crianças) a esperança de modificar as relações dos sujeitos consigo, com os outros e com o mundo, a Igreja, por sua vez, via, especialmente, na juventude a camada social capaz de impedir a decadência e a degeneração dos costumes que estavam atrelados aos avanços da modernidade (2012, p. 249).

É importante notar que não se espera que a modernidade seja suprimida, mas as políticas de Roma apontam para o convívio com o moderno, sem abrir mão das tradições, ritos e dogmas que a Igreja propunha dentro do contexto da restauração. E o Guia segue dentro destes preceitos e entende que essa educação é um processo em que se busca dar uma identidade de maneira que se promova ao mesmo tempo a uniformidade das crianças formadas nas escolas maristas, e as diferencie frente às formadas em outras escolas.

Referências

AZZI, R. A história da Educação católica no Brasil. Contribuição dos Irmãos Maristas. São Paulo: Editora Simar, 1996.

BOSCHILIA, R.T. Viril, Produtivo e Honrado: a construção da identidade masculina em colégios católicos. Projeto História, São Paulo, n° 45, p.243-268, Dez 2012.

ELIAS, N. O processo civilizador. Uma história dos costumes. RJ: Jorge Zahar, 1990.

FURET, J.B. et alii, Guia das Escolas para uso nas casas dos Pequenos Irmãos de Maria: Documento do 2º Capítulo Geral do Instituto Marista. Brasília –DF: Umbrasil,. 2010.

GAY, P. A Educação dos Sentidos: A experiência burguesa – da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HANICZ, T. Modernidade, religião e cultura: O círculo de estudos Bandeirantes e a restauração do catolicismo em Curitiba (1929-1949). Tese de doutorado em ciências da religião, PUC-SP, 2006.

LADEIRA, J.M. Biografia do Fundador: Venerável Marcelino José Bento Champagnat. São Paulo: FTD, 1921.

LA SALLE, J.B. Obras Completas de San Juan Bautista de La Salle. Edição patrocinada por las Conferencias de Provinciales de la Agrupación Regional Lasaliana de España y Portugal, sem data.

MAYER, A.J. A força da tradição. A persistência do Antigo Regime (1848 – 1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STROBINO, Ir. I. A. Apresentação. IN: FURET, Jean-Baptiste et alii, Guia das Escolas para uso nas casas dos Pequenos Irmãos de Maria: Documento do 2º Capítulo Geral do Instituto Marista. Brasília –DF: Umbrasil. 2009.

THOMPSON, E.P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Authusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

***Recebido em 10-07-2014
Aprovado em 06-11-2014***